

AMBIENTE

Este discurso da Eletronorte não convence

O plano da empresa de construir hidrelétricas na Amazônia esbarra na sua postura em relação ao meio ambiente

A Centrais Elétricas do Norte do Brasil S/A — Eletronorte — vem se desdobrando para colocar pelo menos 11 hidrelétricas em operação na Amazônia até o ano 2000. Das 76 usinas planejadas para a região Norte e consideradas viáveis pelos técnicos, estas 11 seriam as de maior aproveitamento econômico e menor impacto ecológico, na ótica da empresa. Falta ainda provar isso aos olhos dos financiadores internacionais de desenvolvimento — especialmente ao Banco Mundial — de quem depende o dinheiro para construção dos projetos.

Há meses o Banco Mundial vem retendo um empréstimo de 500 milhões de dólares para o setor elétrico brasileiro, por pressão de entidades ambientalistas internacionais. Só a Eletronorte tem uma necessidade de 6 bilhões de dólares anuais para fazer cumprir seus projetos. Mas não consegue mostrar que mudou de postura em relação ao meio ambiente. E ao tratamento dispensado às comunidades indígenas. Sua história ainda fala mais alto do que o novo discurso.

O coordenador de planejamento da empresa, José Antônio Muniz Lopes, chegou a afirmar que hoje "ninguém, no setor elétrico, tomaria a decisão de fazer uma usina como Balbina". No entanto, a suspensão das obras desta hidrelétrica jamais foi cogitada e ela segue como a campeã em impactos ecológicos negativos por quilowatt produzido, sem contar a sempre desfavorável relação custo/benefício.

Além da péssima imagem da empresa que construiu Balbina, a Eletronorte precisa lutar contra a falta de credibilidade em vários outros setores — no planejamento de custos, por exemplo. A maior das novas usinas planejadas, a de Cararaó, no rio Xingu, tem um custo estimado em 5,8 bilhões de dólares, sem contar o serviço da dívida e os custos de implantação de linhas de transmissão.

O próprio Lopes admite que é difícil saber se a estimativa seria cumprida. O passado do setor elétrico diz que é bem pouco provável: Tucuruí foi projetada para custar 1,2 bilhão de dólares e não saiu por me-

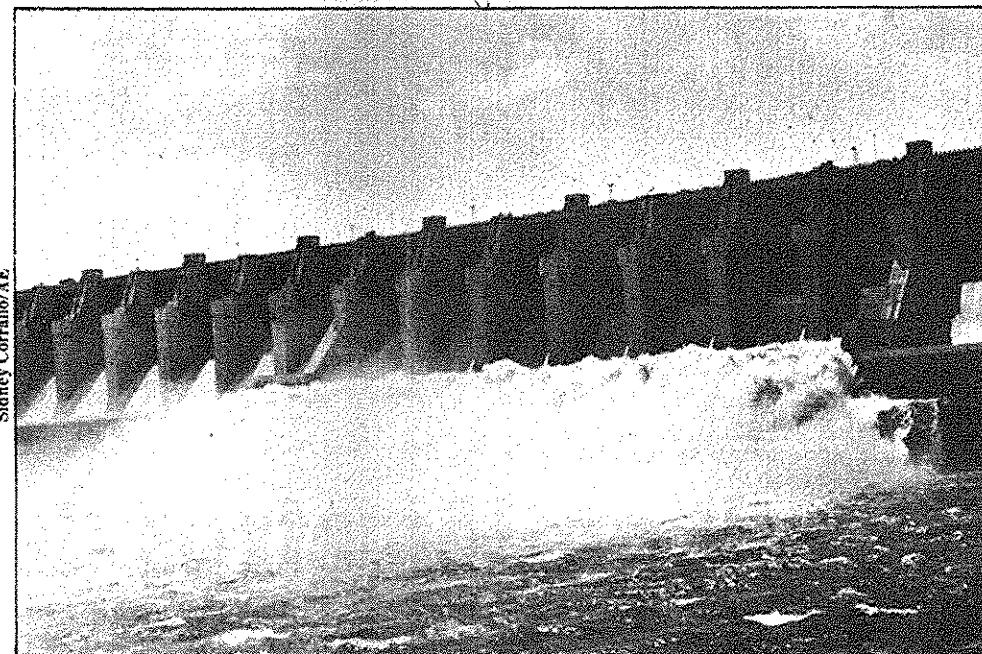
nos de 4,6 bilhões; Itaipu passou dos 5 bilhões de dólares iniciais para 15 bilhões e Balbina, ainda incompleta, já consumiu 700 milhões de dólares, quando o total previsto era de 600 milhões.

Índios sem tradição

Em termos de impacto ambiental e social de suas obras, falta ainda à Eletronorte compreender a linguagem dos ambientalistas e antropólogos. Ao procurar demonstrar que os impactos negativos da usina da Cararaó seriam mínimos, o coordenador de planejamento da empresa referiu-se aos índios da região como "famílias isoladas, sem nenhuma tradição ou intenção de viver aldeados". Estudos de muitos anos de antropólogos do Museu Nacional e ligados à Comissão Pró-Índio de São Paulo dizem o contrário. Para eles os índios na zona de influência das hidrelétricas do Xingu são de oito povos distintos, com línguas diferentes e territórios tradicionais. Transferi-los seria destruir sua sociedade e cultura, ou até extinguir sua condição de povo.

No tocante à fauna e vegetação, a posição da Eletronorte soa, no mínimo, ingênua. Reiteradas vezes os relatórios e representantes da empresa falam em reservatórios "apenas um pouco maiores do que o leito natural do rio em tempo de cheia". Ora, é sabido que o regime destes rios é extremamente variável da estação seca para a estação chuvosa. Quase toda a vegetação e a fauna locais, bem como as populações ribeirinhas, dependem dessa variação para sua sobrevivência e reprodução.

A simples transformação desse rio que enche e esvazia em um espelho de água fixo já produz um considerável impacto ecológico. O que dirá se a área do reservatório for ainda maior do que o leito natural em tempo de cheia. Isso, sem contar os impactos mais sérios, relativos à qualidade da água, emissão de gases tóxicos provenientes da decomposição da floresta inundada e, no caso específico do rio Xingu, a perda de inúmeros habitats únicos e riquíssimos. Sem dúvida, o discurso da Eletronorte terá de percorrer um longo caminho até se provar real perante as entidades que vêm pressionando os bancos internacionais.



Tucuruí: custo muito maior do que o projetado.

Sidney Courallo/AE